

CIDADES E AS TRAMAS DO MODERNO

Silvia Tavares da Silva

Universidade Federal de Campina Grande

Silvia.hist@yahoo.com.br

Para realizar a nossa leitura sobre a chegada da TV Borborema, privilegiamos, sobremaneira, o espaço urbano, pois trataremos aqui de um aparato tecnológico que se constituiu a partir dos discursos dominantes como algo moderno e que despertou o sonho e o encantamento de muitos campinenses. A televisão, nos idos da década de 1960, já começava a fazer parte da realidade de muitas cidades brasileiras e possuir, participar desta novidade era algo espetacular, inovador, inusitado, espantoso.

Os discursos de modernidade e progresso, que mediarão muitas práticas de figuras políticas e profissionais, tais como governantes, engenheiros, médicos, urbanistas, que resolveram através de seus campos de saber impor suas concepções de limpeza, salubridade, organização e beleza, estão atrelados ao espaço urbano; assim como os mecanismos tecnológicos que impuseram novos ritmos à vida cotidiana dos indivíduos, são experienciados primeiro nas cidades o bonde, o automóvel, o cinema... Dessa forma, esses espaços passam por transformações no que diz respeito a sua própria dinâmica expressa nos novos modos dos seus habitantes se portarem diante de tais mudanças. Nesse sentido, novos códigos de comportamentos são apropriados, novas sociabilidades são criadas, novas sensibilidades são despertadas nos cidadãos que passam a interagir de múltiplas maneiras com o seu espaço e com os outros, mesmo que essas interações se processem ora de forma harmoniosa, ora de forma conflituosa.

A chegada da TV nos centros urbanos também impulsionou os discursos de modernidade, pois a televisão inaugurava uma nova linguagem nas comunicações tendo por base uma tecnologia avançada para os padrões dos meios de comunicação de massa que se tinha até então.

Para tanto, nos cabe discutirmos um pouco sobre a própria noção de cidades como um espaço e um objeto de estudo, principalmente, no campo historiográfico, que busca estudá-las tentando perceber as relações entre as suas transformações espaciais e as apropriações feitas por seus habitantes.

1.1 – DISCURSOS QUE (DES) CONSTROEM CIDADES

A cidade se constitui hoje, dentro da chamada Nova História Cultural, como um campo de discussão bastante amplo, e é a partir desse campo que podemos problematizar, através de múltiplos aspectos diretamente ligados ao espaço urbano, os vários discursos que instituem a cidade.

As cidades, desde suas origens, já se constituíam como um *locus* de observação pela dinâmica que o próprio espaço passa a dispor, em decorrência de suas características singulares impostas aos seus habitantes. Assim formula Sandra Jatahy Pesavento (2007):

(...) a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. (PESAVENTO, 2007, P.1)

Como chama atenção a autora, as cidades sempre foram foco de discussão, mesmo que estas discussões estivessem atreladas ao seu tempo e a determinados interesses de pensá-las e atribuí-las muitas formas de representação. Mas na contemporaneidade as formas de pensar as cidades ganharam novos caminhos e abriram um leque de enfoques que fogem àquela lógica de apreensão do que se convencionou chamar de urbes, como um mero *locus* privilegiado de alguns outros lugares de saber que pensavam essa cidade sem uma visão mais crítica. Dentro desse aspecto, podemos destacar a própria história política de viés mais tradicional que escrevia a história de determinado espaço urbano destacando seus aspectos mais qualitativos e quantitativos, com atenção voltada a nomes e fatos que marcaram as transformações urbanísticas, ou até mesmo, a partir do viés de uma história econômico-social que pensava a urbe dentro da discussão do materialismo histórico, sendo assim a cidade um cenário das lutas das classes sociais marcadas pela acumulação do capital – como afirma Sandra Pesavento (2007), isso graças às investidas da História Cultural que introduziu novos olhares e perspectivas aos estudos historiográficos sobre o espaço urbano:

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela História Cultural é que a cidade não é mais considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, P.3)

A cidade passa a ser vista como um lugar de múltiplas vivências e experiências que envolvem os mais diversos atores sociais que criam seus significados próprios a respeito da urbe e, mais do que isso, definem suas múltiplas formas de se apropriar e de consumir os diversos espaços que o seu habitat pode lhes oferecer. Assim, concordamos com Fábio Gutemberg Ramos Barbosa de Sousa (2006), ao afirmar que “a cidade passou a ser compreendida também enquanto um lugar de muitas vidas, tensas e alegres vidas...” (SOUSA, 2006, p.40).

Pensar a cidade é também pensar as relações sociais que se desenvolvem todos os dias nos seus espaços públicos, nos seus bairros, vielas, ruas, logradouros... São essas relações que dão a dimensão das muitas cidades que se configuram num só espaço físico e nos revelam olhares e vivências diversas daqueles corpos que habitam, transitam por aquele espaço coletivo e singular. Ainda segundo Pesavento (2007):

A cidade, na sua compreensão é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos, festas, comportamentos e hábitos. (PESAVENTO, 2007, P.3)

Nesse sentido, tentaremos pensar as representações de alguns cidadãos de Campina Grande a partir do anúncio da implantação da sua primeira emissora de TV, o que se efetivou ainda nos inícios da década de 1960. Os discursos dominantes ajudaram a criar todo um imaginário que permeou a chegada desse aparato tecnológico como mais um símbolo do progresso e da modernidade. Para a cidade de Campina Grande, como era anunciado em veículos de informação como o Diário da Borborema, a chegada da emissora de TV era um acontecimento que a colocaria à frente, até mesmo de muitas capitais que ainda não possuíam tal aparato tecnológico de comunicação. Podemos pensar, nesse caso, que a noção de uma cidade progressista partiu de um lugar de interesse, obedecendo a uma lógica de determinado grupo social. Se tomarmos como

base para elaboração desta pesquisa a concepção de cidade pensada por Sandra Jatahy Pesavento (2005), veremos que a cidade

(...) é objeto de muitos discursos, a revelar saberes específicos ou modalidades sensíveis de leitura do urbano: discursos médicos, políticos, urbanísticos, históricos, literários, poéticos, policiais, jurídicos, todos a empregarem metáforas para qualificar a cidade. (PESAVENTO, 2005, P.80)

Partindo desse pressuposto é que a cidade também é pensada e legitimada a partir de discursos dominantes, mesmo que de uma forma excludente e homogeneizadora. Entendemos que foi assim que os discursos jornalísticos dos inícios dos anos de 1960 passaram a legitimar uma imagem de Campina Grande, mediada pela idéia de progresso a partir do projeto de implantação da primeira emissora de TV do Estado. A primeira cidade do Estado da Paraíba a receber uma emissora de TV, passava a ser projetada como o orgulho do Estado e de todos os paraibanos. Manchetes como as descritas abaixo, corroboram nossa assertiva:

“VEM AÍ A TV BORBOREMA – CANAL 3. PARA O ORGULHO DE TODA A PARAÍBA”.¹

“VEM AÍ A TV BORBOREMA – CANAL 3. UM EMPREENDIMENTO QUE AGRADECERÁ A PARAÍBA”².

Tais discursos ajudam a legitimar a vontade de um grupo da elite de promover tal empreendimento na cidade. A vontade de poucos é colocada, a partir dos discursos jornalísticos, como a vontade dos campinenses e até mesmo dos paraibanos.

Campina Grande apresenta na sua trajetória vários momentos em que os discursos de modernização e progresso se fizeram presentes, marcando muitas transformações que a cidade vivenciou no que diz respeito à higienização, à urbanização, aos lugares de diversão. Referimos-nos, particularmente, a três momentos na história da cidade que foram investigados e analisados por pesquisadores locais:

¹ Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 27/12/1961.

² Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 11/01/1962.

Giscard F. Agra (2005), Fábio Gutemberg Ramos Bezerra (2001) e Antônio Clarindo Barbosa Souza (2002). Entre outras características, os autores citados trabalham com os discursos das elites campinenses, que a partir de um saber científico, impuseram certas práticas como uma forma de atender a um modelo de cidade moderna.

No trabalho de Giscard F. Agra, intitulado “A Urbes doente medicada: a higiene na construção de Campina G(g)rande, 1887 a 1935”, mostra que o discurso das elites locais a partir de um saber científico determinou que uma cidade moderna deveria ter um ar de limpeza, assim tornar-se-ia civilizada. Nesse sentido, a cidade passou a ser alvo de mudanças com reflexo no cotidiano dos seus moradores, principalmente dos grupos populares: “a cidade e seus moradores se tornaram corpos doentes a serem medicados em nome do progresso” (AGRA, 2006, p.12).

No trabalho de tese de Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa, intitulado “Cartografias e Imagem da Cidade: Campina Grande – 1920-1945”, mais precisamente no capítulo 4, os discursos das elites deixam transparecer suas visões de civilidade no momento que relacionam este a um projeto de urbanização onde a cidade passou a ser alvo de novas transformações em sua estrutura física que visava o seu embelezamento estético. As práticas do prefeito Werniaud Wanderley, legitimadas por um discurso modernizador e apoiado em alguns momentos por uma elite letrada, proporcionou, mesmo que de forma autoritária, o que causou muitas tensões entre os campinenses, novos contornos, novas feições à cidade de Campina Grande.

Também o trabalho de tese de Antônio Clarindo Barbosa Sousa, que tem como título “Lazeres permitidos, Prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)”, nos traz mais um período de investidas discursivas das elites locais. Na sua análise sobre os lugares de diversão e lazer na cidade de Campina Grande, nos períodos referidos, o autor detecta uma teia de discursos acerca de comportamentos que não condiziam mais com uma realidade de cidade civilizada. Os discursos eram uma tentativa constante de impor uma ordem às práticas e costumes dos campinenses que consumiam as suas ruas, praças, largos, clubes, cinemas, bares, cabarés, etc, para os seus momentos de diversão e lazer. Segundo o autor,

as críticas dos letrados da cidade aos ‘velhos’ costumes praticados por alguns dos seus conterrâneos, faziam parte dos discursos da modernidade que busca sempre afirmar o ‘novo’ sobre o ‘antigo’, não apenas no sentido de se opor teoricamente a ele, mas se possível, de destruí-lo ou incorporá-lo

à força aos novos hábitos e costumes impostos pelo desenvolvimento econômico, político ou cultural. (SOUZA, 2002, p.38)

Não por acaso nos referimos aos três trabalhos, pois seguindo uma cronologia linear, nos reportamos aos discursos de uma elite letrada que buscou sempre legitimar suas práticas através dos conhecimentos científicos e que por sua vez criaram, e criam, uma imagem de cidade ideal, limpa, civilizada, moderna, urbanizada e de “bons costumes”. Campina Grande é pensada por essa elite como uma cidade de tradição progressista, sempre ávida ao desenvolvimento e é nesse sentido que sempre se destacou como uma cidade propícia ao recebimento de muitos dos símbolos da modernidade, pelo menos para suas elites locais.

A chegada da televisão vem reafirmar mais uma vez esses discursos progressistas a respeito da cidade de Campina Grande. Na década de 1960, Campina Grande começava a viver uma fase de crise econômica devido à decadência das oligarquias algodoeirias, que décadas anteriores foram responsáveis pelo grande desenvolvimento da economia de Campina Grande, o que lhe deu outras feições urbanísticas e populacionais. Abria-se assim espaço para a propagação de novos discursos que vão de encontro àquela economia e política oligárquica tradicional até então dominante na cidade. Um grupo político passou a proferir, em seus discursos, projetos mais modernizadores em suas plataformas políticas para Campina Grande, baseada na investida da sua industrialização para a geração de emprego e desenvolvimento para os novos tempos que se anunciavam na cidade³.

Em geral, a cidade ganhou outro lugar de representação, mesmo que este partisse de olhares de determinados grupos que defendiam os seus interesses e estratégias de preparar a cidade para um novo empreendimento. Segundo Chartier (1988),

(...) às representações do mundo social que à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1988, p.19)

³ Sobre essa questão ver nessa dissertação o tópico: Com quantos sonhos se faz uma TV? Relações de poder e saber.

Os discursos de determinados grupos de privilégio econômico e social da cidade passavam uma idéia homogênea de satisfação e da importância para os campinenses e paraibanos da implantação da primeira emissora na cidade. Esta, nesse momento, estava sendo pensada pela “elite” e para ela. Esses grupos privilegiados tentavam impor os seus discursos em defesa dos seus interesses políticos, econômicos, e para isso ressaltavam os seus valores e visão de mundo que perpassavam as suas posições de privilégios perante outros grupos sociais. Formula ainda Chartier (1988):

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por eles menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1988,p 17)

Mas esse novo, por ser privilégio de poucos, foi consumido, de forma mais intensa, num primeiro momento, por uma pequena camada da sociedade que podia obter o artigo, que mesmo antes da chegada da primeira emissora, possuía televisores que recebiam transmissões vindas do Recife. Assim, para muitos, o acesso ficou restrito, principalmente, no que diz respeito aos moradores dos bairros mais populares, pois segundo relatos, em muitos desses bairros somente em uma única residência havia uma televisão. Para as facções mais populares da cidade, o acesso a esse novo aparato deu-se de forma paulatina, mesmo que estes, muitas vezes, buscassem estratégias para usufruir também da televisão. Tivemos assim a formação de novos espaços de sociabilidade marcados pela presença dos “televizinhos”, os populares recorriam às casas dos mais abastados para compartilhar daquela novidade que tanto vinha despertando a curiosidade dos campinenses e desfrutar de sua programação que surgia aos seus olhos como mágica. Como nos relata o senhor Gervácio Aranha, ao narrar o seu primeiro contato com a televisão;

Em 1965, ano em que cheguei à cidade, aos nove anos idade para morar no recém formado bairro de Nova Brasília, existia um único aparelho de TV (imagens da Tupi) num raio de três ou quatro quarteirões. Um único aparelho de TV entre as ruas Horácio de Sousa, Mirian Alves de Melo e Obdedon Licarião. Era na casa do Sr. Agenor, dono de uma construtora. Para nós era um homem rico, aquela era uma casa abastada. (Informações do Sr. Gervácio Batista Aranha)

Os discursos jornalísticos apresentavam apenas a visão daqueles grupos sociais (comerciantes, políticos, industriais, profissionais liberais, etc) que já vinham se articulando em torno dessa investida. Nomes como Newton Rique, Hilton Mota, entre outros, foram os maiores promotores do empreendimento do então empresário das comunicações Assis Chateaubriand. Sendo assim, a visão a respeito desse novo meio de comunicação, bem como as expectativas ou até mesmo, as resistências de outros grupos sociais menos favorecidos, ficavam implícitos ou não obtinham nenhuma relevância nos meios de comunicação impressos. Mas acreditamos que aquela novidade embalava também a imaginação dos grupos populares que, através dos comentários nas ruas, dos boatos, criaram suas expectativas sobre a possibilidade de “visualidade do mundo inteiro que se tornaria potencialmente visível na casa de todos”. (SARTORI, 2001, p.15)

Um novo meio de entretenimento e diversão que poderia ser posto na sala de casa era, sem dúvida, uma novidade que despertava a atenção de todos, fosse para desacreditar, fosse para se surpreender. As expectativas eram sempre embaladas pelos muitos anúncios em revistas e jornais a respeito da televisão. Relata o Sr. Eraldo César sobre os seus primeiros conhecimentos a respeito do que era televisão:

Infelizmente eu comecei a tomar coca-cola nas páginas da revista *Life*, Americana, eu via a garrafa da coca-cola suada, gelada, e isso demorou muito a chegar no Brasil (a coca-cola) nós já consumíamos através do desejo e da vontade. O mesmo aconteceu com a televisão, a gente já consumia televisão sem ter televisão porque as notícias vinham de fora e faziam com que a gente aumentasse esse desejo. (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 12/04/08)

Parte daqui o nosso interesse em investigar as apropriações que os grupos ditos populares também fizeram dessa novidade tecnológica. Há de se acreditar em práticas e estratégias desses grupos em promover os seus acessos àquele aparato que se constituiu nos seus primórdios como um artigo de luxo e por isso inviável para alguns. Ainda como nos relata o senhor Gervácio Aranha:

(...) dezenas de pessoas entre crianças e adultos se dirigiam àquela que era considerada a melhor casa daquela área (última casa da rua Miriam Alves de Melo, bairro de Nova Brasília, na Zona Leste). Por nada no mundo queríamos perder aquelas imagens mágicas; por nada deste mundo

deixávamos de acompanhar todas as noites a novela do horário nobre a saber, “Demian, o Justiceiro” (TV Tupi, com Ioná Magalhães e outros, isto em 1965). Sem dúvida uma tremenda invasão de privacidade na casa do Sr Agenor. Mas o que fazer (...)? (Informações do Sr. Gervácio Aranha)

Para além dos discursos de progresso e modernidade, fica-nos um outro lugar de questionamento que diz respeito às novas práticas e códigos instituídos no cotidiano dos campinenses a partir da chegada da primeira emissora de TV na cidade. Vamos ao encontro, aqui, de um caminho sugerido por Michel de Certeau (1994) que defende a existência de múltiplas maneiras de agir de diversos grupos sociais, mesmo que, para descobri-las, necessitemos lançar mão de uma investigação minuciosa, pois segundo o autor,

ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir. (CERTEAU, 1994)

Seria esse o nosso ponto de partida para se chegar a outras formas de pensar a cidade, seguindo minúcias, vestígios das práticas, estratégias e táticas dos muitos grupos sociais que constituem o espaço urbano e que não são evidenciados nos discursos da elite, mas que experienciaram a chegada daquela que seria mais um símbolo do moderno na cidade e que vieram deixar explícitos para nós suas múltiplas vivências e apropriações.

A partir da chegada da TV na cidade buscamos construir uma narrativa que evidenciasse esses grupos como sujeitos históricos, fazedores do seu dia-a-dia. Partimos a desvendar outros caminhos que nos levaram a novos traçados dessa cidade, aqueles envoltos de perspectivas, anseios dos moradores citadinos dos mais variados grupos sociais. Passamos a vislumbrar a cidade aqui, fora daquela lógica global, que segundo Maria Estella Bresciani (1991), foi apropriada durante algum tempo pelos intelectuais e seus instrumentos de trabalho; compartilhamos da sua idéia quando afirma que a cidade esteja dividida em áreas subordinadas a lógicas diversas e assim

(...) as imagens plenas e as representações racionais se esgarçam e deixam entrever territórios, que podem ser espaços, meios geográficos, mas

podem também levantar o véu racional que encobre as fugidas subjetividades. Podem ser espaços onde as múltiplas redes de sociabilidade se repetem, diferenciam-se, modificam-se em filamentos imponderáveis. (BRESCIANI, 1991, p.13)

Acreditamos que a cidade é um espaço múltiplo no momento em que é apropriada por seus moradores de diferentes maneiras. As formas de habitá-la estão diretamente associadas à percepção que cada ator social tem desse espaço e de tudo aquilo que o agrega.

A concepção sobre a chegada da primeira emissora de TV na cidade também se constituiu de várias formas e múltiplas idéias e visões a respeito desse símbolo moderno vêm expressas nas falas dos nossos depoentes que nos ajudaram a construir as linhas dessa nossa história.

Bibliografia

- AGRA, Giscar F. A Urbes doente medicada: a higiene na construção de Campina G(g)rande, 1877 a 1935. 1 Ed. Campina Grande: Gráfica Marcone, 2006
- BRESCIANI, Maria Estella Martins. **As sete portas da cidade**. Espaço e Debate, nº 34, NERU, 1991
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. In. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- SARTORI, Giovanni. **Homo Videns**: televisão e pós-pensamento, Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. In. **Territórios de confrontos**: Campina Grande 1920-1945. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos**: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965): UFPE, Recife, 2002 – Doutorado em História.